

(DES) LIGA ISSO !! ACONTECIMENTOS EM MÍDIA E ENSINO DE TEATRO

Renata Ferreira da Silva (UFT)¹

Este artigo se propõe exercitar entre lugares a partir de uma experiência em Teatro-dança com alunos do Ensino Médio integrado ao curso técnico de telecomunicações do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), no Campus São José. Trata-se de um projeto de pesquisa e extensão intitulado: *Corpos Teleperformáticos*, realizado no ano de 2012/1013. Para tanto, a relação com as mídias e as tecnologias da informação é posta em deriva a partir da seguinte questão disparadora: Como a cultura digital abre possibilidades inventivas no ensino de teatro? Nesta concatenação de afetos procurei trabalhar noções de bom e mau, real e virtual encontradas nos discursos sobre a mídia e educação e pensar possibilidades inventivas para o ensino de teatro na relação criativa com as mídias a partir de uma aula acontecimental, que busca produzir singularidades e fugir dos modelos interpretativos.

Mídias; Teatro-dança; Aula; Acontecimento.

TURN IT ON/OFF ! EVENTS IN MEDIA AND THEATRE EDUCATION

This article aims exercise between places: an experience in theater-dance with the high school students from the technical course of telecommunications at Federal Institute of Santa Catarina (IFSC), Campus Sao José. This is a research and extension project named: *Corpos Teleperformáticos*, held in the year 2012/1013. Therefore, the relationship with the media and information technology is put into derives from the following starter question: As digital culture opens inventive possibilities in theater education? This concatenation affections tried to work the notions of good and bad, real and virtual found in discourses on media and education and think inventive possibilities for theater education in creative relationship with the media from an event class, which seeks to produce singularities and escape the interpretative models.

Media; Theatre-dance; Class; Event

(DES) LIGA ISSO !! ACONTECIMENTOS EM MÍDIA E ENSINO DE TEATRO

Como a cultura digital abre possibilidades pedagógicas inventivas no ensino de artes?

Esta pergunta lateja.

Trago, neste texto, uma espécie de concatenação de afetos no qual trabalho noções de bom e mau, real e virtual encontradas nos discursos sobre a mídia e educação. Dado o exposto, investigo possibilidades para o ensino de teatro na relação criativa com as mídias a partir de uma aula acontecimental.

Nos últimos tempos, observo em alguns dos trabalhos de conclusão de curso de graduação em Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Tocantins, onde atualmente sou professora, certa visão apocalíptica das tecnologias e das mídias.

Muitas vezes elas aparecem como algo exterior à cultura, de caráter desumanizador. Algo que a escola não pode controlar. Seria melhor evitar este “mau”?

Sou atravessada por pensamentos que indicam que bom e mau não são, necessariamente, algo de negativo ou de positivo em si mesmos, mas constituem modos de pensar ou noções formadas porque comparamos as coisas entre si. Chamamos

de perfeito aquilo que está de acordo com o modelo pré-estabelecido por nós, e imperfeito aquilo que, por sua vez, é menos conforme os modelos dados a priori. Muito provavelmente julgamos que uma coisa é má porque acreditarmos que ela não nos aproxima do modelo que estabelecemos e boa quando se aproxima (SPINOZA, 2010, *Ética IV*, Prefácio).

Nossos modelos, sejam eles de educação, de comportamento, de sociedade estão ligados a uma noção de finalidade. Espinoza (2010), no prefácio da *Ética IV* nos exemplifica esta questão a partir do exemplo de uma habitação. Quando observamos uma casa incompleta e conhecemos o que o artífice tinha em mente, afirmamos que ela esta imperfeita, pois não está concluída. Mas se observamos uma obra da qual não temos qualquer referência não sabemos se ela é perfeita ou imperfeita.

[...] Mas, desde que os homens começaram a formar ideias universais e a inventar modelos de casas, edifícios, torres, etc, e a dar preferência e a inventar modelos em detrimento de outros, o que resultou foi que cada um chamou de perfeito aquilo que via estar de acordo com o modelo que tinha concebido, ainda que na opinião do artífice, a obra estivesse plenamente concluída [...] Pois os homens têm o hábito de formar ideias universais tanto das coisas naturais

quanto das artificiais, ideias que tomam como modelos das coisas, e acreditam que a natureza (que pensam nada fazer em função de um fim) observa essas ideias e as estabelece para si senão própria como modelos (SPINOZA, 263-264, Ética II, Pref.).

Outra ética é possível?

A natureza não age com um fim; age com a mesma necessidade com que existe. Como sua existência, sua ação não tem princípio nem fim. O que chamamos de finalidade é o desejo humano, na medida em que é considerado causa primeira de uma coisa.

Mas que modelos são estes senão ideias que formamos a partir de modelos inventados por comparação e noções de finalidade?

Bom e mau, neste sentido, não indicam nada de positivo ou negativo nas coisas consideradas em si mesmas, mas noções ou modos de pensar porque comparamos as coisas entre si. Então, uma só coisa pode ser ao mesmo tempo boa e má.

Neste sentido, surge outra questão: tudo que escapa aos nossos modelos seria um erro, uma maldade?

Longe de pensar a bondade e a maldade das possibilidades das mídias no ensino de teatro, busco a potência do encontro com elas; entendendo que um encontro pode ser bom, mau ou ainda indiferente.

Para Gilles Deleuze (1978) quando bom, o corpo que age sobre mim combina-se com minha própria relação, logo minha potência de agir é aumentada, acontece uma composição. Quando minha potência aumenta, experimento afetos de alegria. Quando mau, o corpo que age sobre mim compromete ou destrói uma de minhas relações ou minha relação característica, logo minha potência de agir é diminuída, acontece uma decomposição. Quando a potência diminui, experimento afetos de tristeza.

Este corpo pode ser uma pessoa, um grupo, um livro, um projeto, uma mídia.

É interessante destacar que o termo mídia compreende não somente os mais diversos meios de comunicação tais como jornal, cinema, rádio, televisão, computador e instrumentos multimeios/multimídias como também a relação de poder construída e exercida pela mídia (FANTIN, 2006, p. 30).

Muitos dos escritos dos meus alunos apresentam jogos eletrônicos, redes sociais, *smartphones* e *tablets* com desconfiança. Encontro relatos em seus ensaios de conclusão de curso que simplesmente opõem brincadeiras, relação humana e afetividade aos brinquedos tecnológicos. Ali não há realidade, só virtualidades?

Pierre Levy (1999, p. 28) desmistifica uma falsa oposição entre o real e o virtual afirmando que o virtual, deve ser considerado como algo que existe em potência. O movimento de atualização seria

como a solução assumida a cada momento pelo que potencialmente a entidade pode ser, por exemplo, "os sistemas ditos de realidade virtual nos permitem experimentar, além disso, uma integração dinâmica de diferentes modalidades perceptivas. Podemos quase reviver a experiência sensorial completa de outra pessoa".

O francês Pierre Levy desmistifica uma falsa oposição entre o real e o virtual. Virtual, pode ser considerado como algo que existe em potência; "complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução, a atualização" (LEVY, 1996, p. 16).

Neste sentido, o virtual se oporia ao atual e não ao real. O atual seria justamente este movimento de atualização, uma resolução constante do nó de tendências que constitui a virtualidade; uma solução assumida a cada momento. O real, por sua vez, assemelhar-se-ia ao possível; este que "já está todo constituído, mas permanece no limbo. O possível se realizará sem que nada mude em sua determinação ou natureza. É um real fantasmático, latente. O possível é exatamente como o real, só lhe falta a existência" (LEVY, 1996, p. 16).

Diante do exposto parece que estamos insistindo em pedir que nossos estudantes desliguem celulares, *tablets* e *smartphones* para viver a realidade que propomos na escola. Olhamos com "cara feia" para o ambiente repleto de artefatos tecnológicos e propomos o resgate dos "velhos tempos", como se fossem melhores por legitimarem nossos modelos de aprendizagem.

O grande interesse pela Internet e pelas mídias eletrônicas não é só "interagir com o computador", e sim a interação com outras pessoas, através da tecnologia, pois o que interessa são os vínculos e não a interatividade em si (FANTIN, Monica; RIVOLTELLA, PIER Cesare apud FLORES, 2006; RIVOLTELLA, 2006; MORDUCHOWICZ, 2008).

Talvez a questão fosse pensar sobre como empoderar os estudantes para se comunicarem de forma mais reflexiva e criativa nos espaços educativos e escolarizados?

De acordo com Monica Fantin e Pier Cesare Rivoltella (2010), podemos observar um conjunto de transformações no nosso cotidiano: a televisão perdeu a centralidade, o consumo midiático passa por uma atividade e não uma passividade, ou seja, escolhemos fazer muitas coisas ao mesmo tempo já que muitas telas nos envolvem, o *status* de espectador passa ao de produtor e temos uma ânsia compulsiva por conexão.

Em que medida estas transformações fazem parte do currículo escolar?

Neste texto circula a provocação de que pode ser muito rico e produtivo não ficar apenas na denúncia que as mídias e as tecnologias das informações nos deseducam, nos deixam desatentos, não-presentes, sedentários e assolados

por imagens e ainda expostos a perigos. Bons encontros são possíveis?

Não se trata de encher os espaços educativos de parafernálias tecnológicas (haja vista o estímulo dos órgãos governamentais sobre a distribuição de *tablets* e computadores por aluno desde o Ensino Fundamental). A questão é: o que fazer com estes recursos? Como e em que condições eles podem ganhar sentido? Como pensar artisticamente nossa relação com as mídias?

AGENCIAMENTOS

Lendo hoje as angústias dos meus estudantes em seus trabalhos de conclusão de curso recordo que, muitas vezes me perguntei sobre como uma professora de Teatro, com Licenciatura em Artes Cênicas, poderia se relacionar com as práticas culturais em mídias dos estudantes.

Motivada por eles, gostaria de pensar um pouco sobre o trabalho do/a professor/a de Teatro em instituições públicas. Para isso, opto por trazer aqui um breve recorte de uma experiência realizada com estudantes de cursos integrados ao Ensino Médio, do curso de Telecomunicações; momento em que trabalhei como professora colaboradora no Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC².

Esta experiência vivida junto aos estudantes do ensino médio me afetou sensivelmente, busco então, neste artigo, trazer uma espécie de concatenação de afetos destes vividos para pensar o encontro entre mídia, educação e teatro.

Talvez eu quisesse me integrar a um currículo técnico, ou talvez eu secretamente desejasse desintegrar um currículo que me colocava lá num canto da semana a dar aulas de certa “História da Arte”.

Então, parti para um convite: - Ei currículo, você que parece tão sério, tão certo, tão centrado, técnico e fechado... Você gostaria de dançar?

Pensei que poderia tramar um grupo de pesquisa sobre como nos relacionamos com as tecnologias da comunicação e informação e, ao mesmo tempo em que investigava estas questões, abrir passagem para outras experiências. Interessava-me pensar poeticamente cotidianos; a inserção da disciplina de Artes no currículo por outros modos; gerar encontros e elevar a brincadeira a um *status* didático-metodológico. A partir daí brotavam outros questionamentos: o que configuraria um pensar? Um cotidiano? Uma experiência? Um currículo?

Esta trama foi atualizada como um projeto de pesquisa e extensão intitulado: *Corpos Teleperformativos* – que conectou doze estudantes interessados em pensar cotidianos. Este projeto se configurou como um convite para a investigação artística em teatro-dança a fim de favorecer aos estudantes (dos cursos técnicos integrados ao ensino médio do Instituto Federal de Santa Catarina e comunidade em geral) novas possibilidades de

aprendizado, ações e trabalho com arte ao longo da vida.



Cartaz de divulgação do projeto Corpos teleperformativos

Nesta oportunidade procurei abrir um espaço para pensar poeticamente as paisagens contemporâneas: fragmentação, excesso de informação, velocidade, imagens, conectividade, virtualidade, solidão, multidão, ausência, presença e comunicação.

Nas terças-feiras à tarde, durante um ano, nos encontrávamos para investigar possibilidades de criações em teatro-dança a partir das tecnologias que estão a nossa disposição como: câmeras fotográficas digitais, câmeras de vídeo, *blogs*, celulares, *sites* de relacionamento, *games* além de textos e reportagens que pensassem nossa relação com as mídias na contemporaneidade.

Nas falas dos estudantes envolvidos no processo, emergiam percepções: “É uma coisa bem diferente, professora”. A preocupação parecia não estar nem na partida, nem na chegada. O que se passa no meio?

Na medida em que conversávamos, descobríamos quanto tempo passamos conectados. Era interessante perguntar: como seria a vida sem *Internet* e sem celular? Para muitos, foi bem difícil imaginar. Isto então é “conectidiano”? Queremos então pensar sobre isso? O que pensamos do cotidiano? O cotidiano é repetição e mesmice? Deveria buscar o extra? Fugir ou manter-se no cotidiano? Qual cotidiano? Quantos cotidianos?



Cotidiano

Minha tarefa seria propor distância do cotidiano ou proporcionar uma experiência mais intensa do mesmo?

Para Gabriela, 17 anos: *“Foi meu momento de me desligar do meu cotidiano, um momento de alegria e descontração, e eu sempre quis participar de um grupo de teatro dança, mas mesmo assim me surpreendi no primeiro dia, gostei muito de estar participando aqui”*.

Já para Luana, 16 anos, o Projeto *“foi uma grande oportunidade de aprender coisas novas; uma fuga da rotina, da neura dos estudos; um novo grupo de amigos”*.

Tentamos então encenar o comum. Bem pequeno. Bem nosso. Reportagens, hábitos, entrevistas, histórias. Pensar sobre o mesmo de outro modo. Devaneamos, lembramos, investigamos, criticamos, movimentamos, fofocamos, lamuriamos, vivemos e disparamos outros modos de ver nossas relações com as tecnologias da informação e comunicação. Trabalhamos por blocos de criações em teatro-dança a partir de exercícios de improvisação.

Perguntávamos ainda se o que conhecemos, experimentamos e vivemos pode limitar como vemos o mundo ao nosso redor. Como ampliar esses mundos? Fizemos questionamentos disparadores e saímos também entrevistando algumas pessoas pela escola. Queríamos saber: Quantas horas por dia você fica na *Internet*? Você já virou a noite na *Internet*? Quais redes sociais você usa? O que você mais faz na *Internet*? Você conseguiria ficar sem *Internet*? As pessoas ficam mais próximas ou mais distantes na *Internet*?

O resultado das entrevistas foi à produção de um vídeo que compôs parte do espetáculo. O vídeo foi somado às conversas que povoavam nossos encontros e nos ajudou a perceber e compor as cenas dos muitos cotidianos investigados. Na medida em que assistíamos às entrevistas, suplementávamos-las com nossas histórias.

As entrevistas, as leituras, os diálogos e a produção do vídeo e as improvisações em teatro-dança foram dispositivos, corpos que nos afetaram e provocaram em nós uma atualização em teatro - dança para a montagem do nosso curta-espetáculo: *Corpos Teleperformáticos*.

Seria isto um agenciamento? Não apenas a reunião ou o ajuntamento de corpos, mas o que acontece aos corpos quando eles se reúnem e se juntam sob o ponto de vista de seu movimento e de seus afetos?

Para Alexandra, 16 anos, o Projeto era *“[...] a descoberta do corpo e seus meios de conectividade”*.

Nas palavras dos estudantes sobre o projeto, o surgimento de falas em torno do entrelaçamento de pessoas foi uma constante: *“parece-me muito linda essa relação que acabamos criando com todas essas pessoas. Somos realmente um grupo, que nos ajudamos em tudo, desde cabelos, maquiagem, expressão e formas de estar atuando”*(Maira, 16 anos).

Nossa capacidade de vida, alegria e gozo aumentava. A cada encontro, menos faltas. Mais autonomia. Desenhos para figurinos, estudos sobre maquiagem. O papel assumido por mim parecia ser o de dar a partida numa maquinaria e participar do seu movimento.

Seria a potência do encontro a expressão de processos pedagógicos inventivos?

Deriva em saber. Circulação de desejos. Passar o anel e ter como finalidade tocar as mãos. Abrir espaços regulados, mas não regulamentados. Cada qual pode ser o mestre. Colocar o anel em circulação. Arrebentar a cadeia.

Para Stefanie, 17 anos, *“foi muito empolgante ver como todos participaram e tinham algo com o que colaborar. O fato de todos terem liberdade para opinar e mudar fez com que cada um tivesse um pedacinho de si ali”*.

Todo dia fotografávamos, filmávamos o que fazíamos e comentávamos nossos feitos, fotos e vídeos no *blog*, que foi tomado como extensão do projeto, ponto de encontro e visitas, partilha de *links* para investigação sobre dança contemporânea e reportagens.



Cena do espetáculo - apresentação na UDESC

Percebi como o projeto se estendia a ponto de entrelaçarmos nossos ensaios com conversas via *Facebook*: *“- Professora, estava vendo o vídeo e pensei que poderia fazer diferente esta parte. O que você acha?”* (Gabriela, 17 anos).

Experimentamos uma espécie de direção de cena, à distância, com base em vídeos e fotos,

compondo o *blog* na medida em que se constituía também como espaço de reflexão sobre nosso trabalho. Incrível como o *blog* conectou o grupo entre si, e também o grupo com as famílias, com a escola e divulgou o projeto, trazendo mais integrantes e apoiadores.

A força do trabalho foi estabelecer um espaço para uma interação corporal que interconectava sons, pesquisas, leituras, movimentos, interesses, entrevistas a partir do que se tornava significativo para nós. Isso se estabeleceu em rede, à medida que nos aceitávamos como amigos no *facebook*, divulgávamos imagens, *links* e comentários deste nosso processo que se tornava cada vez mais aberto, poroso. Será que dançamos nosso currículo?

Minha intenção sempre foi puxar certos dedos de prosa que fogem do feito, da lamúria, de falta disto e daquilo para pensar nossa presença nas escolas e o que podemos mobilizar, potencializar.

Qual a potência do acontecimento para pensarmos singularidades, coletivos e a constituição do sujeito no evento-aula?

O acontecimento é devir impessoal, uma coisa inefável que nos atravessa para além dos possíveis interesses humanos. Aquilo que é inevitável e que está em eterno movimento sem uma estrutura fixa. E, se entendo o devir como permanente, a aula pode ser lida de outra maneira, como obra aberta e inacabada – o instante. Instante móvel que reúne singular e coletivo. Não um singular que é meu, dos meus interesses humanos, sejam eles do campo da organização didática, das práticas pedagógicas, dos discentes ou dos docentes como coisa humana impressa no acontecimento, mas um singular que se forma no acontecimento, à medida que as coisas nos atravessam [...] “os acontecimentos puros fundamentam a linguagem porque eles a esperam tanto quanto eles nos esperam e não tem existência pura, singular e pré-individual senão na linguagem que os exprime” [...] (DELEUZE, 2009, p. 170).

Neste trabalho nos ocupamos semanalmente trabalhando por problemas. De todos os tipos. Cada problema foi dançado, encenado até se transformar em um pequeno quadro de som e movimento que, entrelaçado a outro e mais outro, gerou um curta-espetáculo de trinta minutos.



C

Cena do espetáculo – apresentação na UFU

Sonoridades que vem da rua; toques de celulares; chamadas de atenção de MSN; alerta de antivírus; jogos; músicas; relatos de histórias constituíram paisagens sonoras que aprendemos a não ignorar. Foram estes ruídos e dissonâncias que começaram a ser compreendidos como parte de uma composição sonora pelo grupo.

“Naturalmente” a relação entre arte e educação, sério e não sério, realidade e ficção foi uma experiência de dicotomia na maioria das trajetórias escolares.

Do ponto de vista da linguagem, a oposição parece ser pertinente; “o que ela põe frente a frente não seria forçosamente o real e a fantasia, a objetividade e a subjetividade, mas somente lugares diferentes de fala” (BARTHES, 1996, p. 20). Mas isso não significa que tenham valorações diferentes para conhecer, pensar o mundo. A arte não pensa tudo? Não é uma questão de colocá-la a serviço de um algo mais sério, um tema pertinente. A arte pensa, aprende, ensina de outra forma.

Acredito que as aulas de artes, sejam elas assumidas como teatro, dança, artes visuais, música, cinema e seus espaços de fronteiras nos convidam a nos relacionarmos de “outro modo” com o que investigamos. Nós professores e nossos estudantes, podemos nos apropriar de outras formas de conhecer através da arte e por que não experienciar, inventar e pensar aquilo que, de outro modo poderia permanecer inexplorado?

É possível manter o humor e não (se) levar demasiadamente a sério?

O que é pensar em *vídeo-games*?

Eu, particularmente, jogava *atari* e, sempre que movimentava meu corpo nos nossos encontros com um movimento de “outra época”, estava lá um controle remoto incompreensível para gerações *playstation*.

–“Como muda, né professora?”(Vinicius, 16 anos).

Montar uma trilha sonora de *vídeo-games* foi compor com jogos de todos os participantes do grupo.

Nas discussões confusas sobre virtual e real pensávamos e retomávamos a discussão: virtual e real são opostos? Começávamos a descrever *um* mundo e não *o* mundo. Nossas impressões sobre o *Twitter*, *Instagram*, as mudanças das paisagens urbanas por conta dos fones de ouvido, *smartphones* e celulares... –“Professora, não é que estava andando no centro da cidade e vi essas cenas” (Gabriela, 17 anos).

Mas como essas impressões, esses movimentos se conjugam, se combinam, se compõem num espetáculo de teatro-dança?

Assim, fomos desenhando nosso projeto no *blog*, nas composições de corpos, nos vídeos. Para Alexandra, 16 anos: “nesse projeto percebemos a tecnologia na nossa vida, de maneira divertida e inteligente, diferente do habitual”.



Conversa com o público – apresentação no IFSC

Aqui, à medida que escrevo, penso na potência de abrimos nossas aulas ao instante, ao inacabado e inevitável e contribuir com processos criativos em Educação, com outros modos de pensar as aulas. Há outros modos que não uma prática pedagógica configurada no exercício de uma docência?

AULA-ACONTECIMENTO

Ao partir dos questionamentos feitos nos trabalhos de conclusão de curso, por meus alunos de licenciatura em teatro da Universidade Federal do Tocantins, ao re-considerar a experiência realizada com o curta-espetáculo *Corpos Teleperformáticos* no Instituto Federal de Santa Catarina e, ainda, ao trazer para este texto algumas de minhas inquietações sigo perguntando: é possível construir nas aulas encontros de alegria e potência da vida?

Partindo de Deleuze (2009, p. 152), o acontecimento não é aquele acontecimento que chega de forma acidental, mas a parte eterna e inevitável de tudo aquilo que chega, [...] entidade impassível sempre já advinda, mas também ainda a vir, subdividindo-se sem cessar em múltiplos acontecimentos singulares, e os reunindo em único

REFERÊNCIAS

BARTHES, R. (1988). *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense.

_____ (1996). *Aula*. São Paulo: Cultrix.

DELEUZE, G. (1978) - *Cours Vincennes - 24/01/1978*. In: webdeleuze.com. Disponível em: <http://www.webdeleuze.com/php/texte.php?cle=194&groupe=Spinoza&langue=5>. Acesso em: 11/04/2014 às 14h00m.

_____ (2009). *Lógica do sentido*. 5 ed. São Paulo: Perspectiva.

FANTIN, M. (2006). *Mídia-educação*. Conceitos, experiências, diálogos. Brasil- Itália. Cidade Futura.

FANTIN, M.; RIVOLTELLA, P. C. (2010). *Crianças na era digital: Desafios da Comunicação e da educação*. REU, Sorocaba, SP, v.36, n.1, p.84-104, jun.

LAZZARATO, M. (2006). *As revoluções do capitalismo: a política no império*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LÉVY, P. (1996). *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34.

e mesmo Acontecimento; o enfrentamento de tudo aquilo que nos chega [...].

A vida nos atravessa como uma força impessoal sobre a qual não temos controle. Nós não podemos conter a vida. A vida está na gente? Sem a gente não há vida? Há vida neste instante-móvel? Aula-acontecimento, aula-devir. Estaria, quem sabe, sondando modos de uma aula não aula? Por que as aulas são pensadas na ordem, no controle, no resultado, na representação?

Lazzarato (2006) afirma que efetuar os possíveis que o acontecimento faz emergir é abrir um processo imprevisível, arriscado e não antecipado, no qual novas possibilidades de vida entram em choque com o já organizado e constituído. O modo do acontecimento, nesta perspectiva é ainda um modo problematização, que produz o novo a partir de possíveis encontros e discontinuidades.

Pensar aula e acontecimento é abrir possíveis? Estes possíveis podem ser criados?

Assumo aqui meu interesse por experimentar mais e interpretar menos esta relação entre mídia e ensino de artes. Acredito que a experiência com os *Corpos teleperformáticos* exercitou se colocar na contramão de uma proposta que fala de fora desta relação, do lugar da interpretação, para falar de dentro dela, do que nos acontece por dentro de uma linguagem muito específica. Estamos *entre* teatro, dança e mídias.

Nesta concatenação de afetos procurei trabalhar noções de bom e mau, real e virtual encontradas nos discursos sobre a mídia e educação e pensar possibilidades inventivas para o ensino de teatro na relação criativa com as mídias a partir de uma aula acontecimental, que busca produzir singularidades e fugir dos modelos interpretativos.

_____ (1999). *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34.

LOPEZ, D. (2007). *A Delicadeza: estética, experiência e paisagens*. Brasília: UnB.

SPINOZA, B. de. (2010). *Ética*. 3 Edição Bilíngue. Tradução e notas de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

¹ Professora do Curso de Teatro da Universidade Federal de Tocantins - UFT. Atriz - educadora graduada em Educação Artística com Licenciatura em Artes Cênicas pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Doutoranda e Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGE /UFSC).

² Fui Professora colaboradora do IFSC de Julho de 2012 a Julho de 2013, período no qual coordenei o Projeto Corpos Teleperformáticos.